

Os Pequenos Produtores de Leite da Região de Presidente Prudente - S.P. Brasil¹.

Mtra. Adriana Salas Stevanato

FCT-UNESP;

CNPq. Presidente Prudente, S.P. BRASIL.

e-mail: asalasadriana@hotmail.com

Prof. Dr. Antonio Nivaldo Hespanhol.

Orientador da Pesquisa.

Departamento de Geografia da FCT-UNESP.

Presidente Prudente, S.P. BRASIL.

Introdução.

O Brasil apresenta uma ampla variedade de sistemas de exploração de bovinos para carne, leite e derivados. Esta diversidade de sistemas de exploração está ligada em parte, a características históricas, climáticas, econômicas e naturais. Por isso pode-se explicar que em algumas regiões a atividade leiteira esteja mais desenvolvida que em outras.

A presença de gado bovino na região de Presidente Prudente (no oeste do estado de São Paulo) data do começo do século XX, mas na década de 1930, após a crise do café, é que a criação de gado se intensificou, conseqüentemente a produção de leite veio adquirindo maior força com o passar do tempo.

Atualmente a agropecuária exerce um papel importante na economia da Região de Presidente Prudente, sendo a pecuária de corte a atividade predominante, mas muitos produtores também dedicam-se à produção de leite.

Nossa pesquisa tem como objetivo principal analisar a importância social e econômica da pecuária leiteira na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente (MRGPP), a partir do entendimento das principais mudanças que atingiram o sistema agroindustrial do leite, assim como identificar os principais problemas que os produtores leiteiros vem enfrentando para a aquisição e incorporação de novas tecnologias no processo produtivo e de comercialização do leite.

Para o qual, foi necessário analisar a situação da Cooperativa de Laticínios Vale do Paranapanema (COOLVAP), laticínio instalado no município de Presidente Prudente em 1956, por exercer uma importante e significativa influência no que diz respeito à produção e comercialização de leite e alguns derivados.

¹ Trabalho realizado a partir da Dissertação de Mestrado: "A produção de leite na região de Presidente Prudente-SP: o caso da Cooperativa de Laticínios Vale do Paranapanema (COOLVAP)", desenvolvida no curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP. Presidente Prudente, defendida em 8 de março de 2002.

Para atingir nossos objetivos realizamos um levantamento bibliográfico detalhado sobre a agropecuária brasileira; levantamento de dados estatísticos relativos à produção de leite na região assim como no Estado de São Paulo; aplicação de questionários junto a oitenta e dois produtores de leite da região que fossem associados à COOLVAP, e também entrevistas com alguns membros da diretoria da Cooperativa.

Panorama Geral da Indústria de Laticínios no Brasil na década de 1990

Durante os anos noventa, vários fatores atingiram significativamente o sistema agroindustrial do leite no Brasil, começando com a liberação do preço deste produto em setembro de 1991, situação que trouxe como consequência a extinção de vários programas sociais que absorviam grandes volumes de leite pasteurizado e em pó. O governo deixou de ser importador exclusivo de produtos lácteos, abrindo desta forma o mercado.

Outros fatores importantes que marcaram a indústria de laticínios no Brasil foram: a abertura comercial, especialmente a consolidação do Mercosul, acompanhada do acordo de liberação tarifária entre os países membros, que provocou uma grande ampliação da importação de produtos lácteos e o processo de estabilização da economia após o Plano Real, no mês de junho de 1994.

A ampliação da coleta a granel; as aquisições e alianças estratégicas no meio empresarial, isto é, a ampliação do poder das multinacionais e dos supermercados, levando a uma guerra de oferta e demanda do leite; a reestruturação geográfica da produção leiteira, ou seja, novas bacias leiteiras vêm se consolidando dentro da Indústria de Laticínios e outras vão perdendo importância; os problemas de padronização do leite; uma forte ampliação do mercado informal; e finalmente a prática de 'dumping' no período de julho de 1998 a junho de 1999, situação que provocou sérios transtornos aos produtores.

Todos estes fatores vêm provocando diferentes mudanças em todo o Sistema Agroindustrial de Leite, desde o produtor até o consumidor, passando pela indústria e a distribuição. Diante desse cenário, nós aprofundamos na análise de alguns dos problemas que mais atingem este importante setor da economia brasileira, dando ênfase ao produtor da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente (MRGPP), pois acreditamos que o produtor é a parte mais importante da cadeia produtiva e se existirem melhores políticas e condições favoráveis, os produtores, sobretudo os pequenos,

poderão produzir um leite de melhor qualidade, obter maiores rendimentos e não abandonar a atividade como vem acontecendo, sobre tudo nesta importante bacia leiteira do oeste paulista.

Desenvolvimento e Especialização da Pecuária no Estado de São Paulo.

A pecuária bovina no Estado de São Paulo evoluiu sob diversos aspectos, principalmente quanto ao melhoramento dos rebanhos e quanto ao manejo das pastagens. No que diz respeito ao aumento das pastagens, Lima (1973) aponta que:

O aproveitamento natural das pastagens constituiu-se numa forma extensiva de criação, decorrendo deste fato, freqüentemente, deficiências alimentares para o rebanho, motivadas não apenas pela carência de água na estação seca, como também pela variação do valor nutritivo das gramíneas existentes. Em consequência desses aspectos, configuraram-se a produtividade relativamente baixa, aliada à pequena taxa de reprodução, o crescimento lento e a engorda morosa dos novilhos (Lima, 1973: 30).

Cabe assinalar que, foram basicamente dois os fatores que contribuíram na expansão da pecuária leiteira (sobre tudo no estado de São Paulo), tais como: o crescimento populacional (a urbanização das principais cidades brasileiras, São Paulo Capital e Rio de Janeiro) e a decadência de algumas culturas agrícolas destinadas à exportação (Mamigonian, 1976), como ocorreu no oeste paulista.

Algumas regiões do Estado de São Paulo desenvolveram o gado para corte, outras se especializaram em gado misto², contudo, a crescente procura de carne e derivados do leite exigiu cada vez mais o desenvolvimento da pecuária leiteira no Estado de São Paulo.

Até 1940, no Estado de São Paulo, o tamanho do rebanho não era significativo e a pecuária tinha todas as características de uma indústria extrativa, em que o gado predominante apresentava baixa produtividade, pois resultava de um longo processo de adaptação de várias raças, principalmente mestiços de gado indiano.

Por sua vez, na Região de Presidente Prudente começa a criação mais intensiva de gado por volta de 1940, como aponta Leite (1972):

² Gado utilizado tanto na atividade leiteira como na pecuária de corte.

O gado aguardaria retirada da mata, a instalação dos trilhos da estrada de ferro e a decadência do café, para então, expandir-se a vontade, em todas as direções (Leite, 1972: 103).

No começo da pecuária na Região de Presidente Prudente, os animais vinham do Mato Grosso, Minas Gerais e até de Goiás. O gado de corte foi o que mais se desenvolveu na região, mas a produção de leite sempre esteve presente e foi crescendo paulatinamente, pois já em 1970, Presidente Prudente encontrava-se entre as dez primeiras zonas criadoras de gado, a região se manteve no começo principalmente no ramo da pecuária de corte e como atividades secundárias encontravam-se as culturas agrícolas e a pecuária leiteira.

As características da pecuária leiteira do Estado de São Paulo até o final da década de 1970 podem ser resumidas da seguinte maneira: 1) duas importantes bacias (Vale do Paraíba e Baixa Mogiana); 2) a região Norte-Noroeste do estado considerada como uma área não especializada, mas grande produtora com finalidade industrial, dominada pela Nestlé; 3) a região Oeste do estado, desenvolvia áreas produtoras de leite não especializadas, mas cuja produção completava o abastecimento da capital paulista (Mamigonian, 1976).

A produção leiteira continuou a crescer, na seguinte tabela, podemos observar a evolução do efetivo bovino, do número de vacas ordenhadas e da produção de leite no estado de São Paulo, durante o período de 1950 a 1990, de acordo com os dados dos censos agrícolas e agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 1
**Efetivo bovino, vacas ordenhadas e produção de leite no Estado de São Paulo:
1950 – 1990**

anos	bovinos	Vacas ordenhadas	leite (miles de litros)
1950	5.721.9777	828.696	514.710
1960	7.131.024	939.706	676.325
1970	9.110.633	1.218.658	1.117.143
1980	11.685.216	1.355.306	1.723.610
1990	12.262.909	2.144.345	1.9960.780
Crescimento percentual do período	114,3%	158,7%	280,9%

Fonte: IBGE. Para os anos de 1950 e 1960: Censos Agrícolas do Estado de São Paulo.
Para 1970 a 1990: Censos Agropecuários do Estado de São Paulo.

Na Tabela 1, podemos observar que a produção de leite teve um aumento importante de 280,9% entre 1950 e 1990, o efetivo bovino também, sendo o crescimento percentual do período de 114,4%, o número de vacas ordenhadas teve uma pequena

queda em 1980 e 1985, no entanto o crescimento percentual do período 1950-1990, foi de em 158,7%.

Ainda, segundo dados do IBGE na última década (1991-2000) ouve uma pequena queda no número de vacas ordenhadas e na produção de leite, somente o efetivo bovino incrementou-se, pois pasou de 12.262.909 em 1990, para 13.091.946 em 2000, como se observa na Tabela 2.

Tabela 2
**Efetivo bovino, vacas ordenhadas e produção de leite no Estado de São Paulo:
1991 – 2000**

anos	Bovinos	vacas ordenhadas	leite (mil litros)
1991	12.261.609	2.219.362	1.979.967
1992	12.394.312	2.280.601	2.022.923
1993	12.690.148	2.302.270	2.047.235
1994	12.973.841	2.281.406	2.005.188
1995	13.148.133	2.262.237	1.981.843
1996	12.306.790	1.949.536	1.847.069
1997	12.826.949	2.057.751	2.003.165
1998	12.753.030	1.916.428	1.981.966
1999	13.068.672	1.833.156	1.913.499
2000	13.091.946	1.790.550	1.861.425

Fonte: IBGE, Pesquisa Pecuária Municipal (www.ibge.gov.br)

Como se observa na tabela anterior, o efetivo bovino e a produção de leite no Estado de São Paulo vêm se mantendo estável. No entanto, foi em 1993 que se registrou a maior produção de leite do período 1991-2000, sendo a média de produção de 1,988 mil litros; mas a tendência da produção leiteira é recuperar-se, isso pode significar que há uma especialização cada vez maior desta atividade, pois em 1990 a produção de leite no Estado de São Paulo representou 28,3% no total da Região Sudeste.

Em 2000, São Paulo concentrava 35,4% dos bovinos e 23,8% da produção de leite, sendo que o número de vacas ordenhadas representava 26% da Região Sudeste.

No entanto, o número de vacas ordenhadas decresceu no período 1991-2000 e a produção de leite do conjunto do Estado continua sendo representativa para a Região Sudeste, embora tenha queda de -5% na produção leiteira do período considerado (conforme tabela 2).

No que diz respeito às raças de gado predominantes nas atividades, o rebanho no Estado de São Paulo é em sua grande maioria *mestiço-zebuíno* ou *comum* cruzado com

alguma raça européia especializada (holandesa branca e preta, vermelha, branca ou Jersey, entre outras).

O gado mestiço é o mais recomendado para a criação semi-intensiva, pois o clima tropical predominante no estado paulista, constitui-se em fator limitante à boa adaptação dessas raças, uma vez que elas ressentem do calor do verão brasileiro. Além disso, quando esses animais são criados extensivamente³, soltos ocorrem perdas no rebanho, por exposição prolongada ao sol, e as úberes das fêmeas ferem-se nas pastagens acidentadas e sujas, acarretando o aparecimento de doenças, principalmente a mastites.

Finalmente, devemos considerar as características que apresentava a pecuária leiteira no Estado de São Paulo até o final da década de 1990, segundo Ferreira (1999) serão as seguintes:

- 10,3 milhões de hectares (51,4%) da área cultivada do Estado esbava coberta por pastagens destinadas ao pastoreio animal (tanto para gado de cote como para gado leiteiro);
- o rebanho leiteiro estava presente em todo o Estado, com expressiva participação dos municípios de Pindamonhangaba, Presidente Prudente, Avaré, Botucatu e São João da Boa Vista;
- os sistemas produtivos são díspares, isto é, há uma desigualdade na extração da matéria prima e do gado utilizado na atividade, pois existe entre as propriedades dedicadas à pecuária leiteira, aquelas com tecnologia sofisticada e outras propriedades onde as condições para a extração do leite são precárias e ultrapassadas e com uma baixa produção.

Após da breve análise do sistema leiteiro no Estado de São Paulo, a seguir apresentamos as características do sistema agroindustrial do leite na Região de Presidente Prudente.

A Atividade Leiteira na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente.

O município de Presidente Prudente criado em 1921, é sede da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente (MRGPP) e constituída hoje por 30 municípios, abrangendo uma área de 17.565 km², e uma população de 516.390 habitantes, segundo dados do censo 2000.

No que diz respeito a origem de Presidente Prudente, segundo Abreu (1972), está ligada à expansão do café na década de 1920, pois na medida em que tal cultura se

³ Sistema empregado principalmente em propriedades de grandes dimensões. Em fazendas onde se usa o sistema extensivo o rebanho não recebe os cuidados necessários. Os bovinos vivem principalmente das pastagens. A produtividade é baixa. Os bovinos utilizados para esse sistema são mestiços-azebuados por ser uma raça mais resistente ao calor.

consolidou, a região foi urbanizando-se, mas esta ocupação se fez predominantemente pelo latifúndio, e um fator de suma importância neste período foi a estrada de ferro que favoreceu também a criação de novas cidades, assim como o fortalecimento de outras, dada sua importância como meio de transporte da produção cafeeira.

Segundo Monbeig (1984) a expansão da pecuária intensificou-se após a crise de 1929, pois esta atingiu os fazendeiros colonizadores da região, e em meados da década de 1930 iniciava-se a fase da policultura, como alternativa de subsistência. Por este motivo também se destruiu a floresta, para em seu lugar instalar campos artificiais:

O declínio da cultura cafeeira depois de 1929 e a eclosão de um conjunto de circunstâncias favoráveis, depois do início da Segunda Guerra Mundial, reavivaram a velha tendência à criação de gado. No conjunto do Estado de São Paulo, as pastagens, que representavam 19% da superfície total em 1930-1936, passaram a 31% em 1937-1939 (Monbeig, 1984: 302).

Conseqüentemente o número de bovinos incrementou-se, mas foi a partir da década de 1960 quando as pastagens dominaram de vez, segundo Martins (1974) isso ocasionou um decréscimo populacional na zona rural e uma tendência à concentração fundiária.

Na região desenvolveu-se a pecuária baseada na grande propriedade que tornava-se cada vez mais um bom negócio, e apesar da crise cafeeira da época, a marcha para o oeste não diminuiu, tornou-se uma marcha voltada para a pecuária, ou seja, as pessoas continuaram chegando nesta região com a intenção de dedicar-se à pecuária.

Depois da crise do café na região desenvolveu-se a cultura do algodão, posteriormente outras culturas, tais como: arroz, feijão, milho, mandioca, batata e cana-deaçúcar, mas sempre houve grandes áreas de pastagens, tanto nas grandes como nas pequenas propriedades.

Dentre os fatores que facilitaram a criação de gado na região, destacam-se os seguintes, na região: a instalação da Estrada de Ferro que transportaria os bois para os frigoríficos; a decadência do café na década de 1930; seguida da crise do algodão no final de 1950; a perda de fertilidade dos solos; preços baixos para os produtos agrícolas; uma demanda maior no mercado de carne, lácteos e derivados, principalmente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro; maiores lucros na atividade; despesas menores com mão-de-obra; incentivos governamentais (Medeiros, 1996) ou seja, crédito acessível para os criadores, através do Banco do Brasil e Banco do Estado de São Paulo (Leite, 1972).

Segundo Abreu (1972) na região de Presidente Prudente, predominavam as lavouras, quem tinha terras preocupava-se com a formação de pastagens, ainda que fosse para o sustento dos animais de trabalho; os primeiros lugares onde as pastagens se desenvolveram foram os municípios de Rancharia, Martinópolis, Presidnete Epitácio e Presidente Vencesalau, onde grandes extensões de mata cederam lugar ao capim.

Durante o período de 1940-1950, as pastagens tiveram expressivo aumento, principalmente as artificiais, que certamente passaram a ocupar áreas de matas, terras incultas e áreas dedicadas a lavouras temporárias e permanentes.

O Censo Agrícola de 1960 mostra que as terras com pastagens eram consideravelmente maiores do que na década anterior. Na década seguinte (1970), as pastagens continuaram a crescer, onde mais da metade da Alta Sorocabana estava coberta por esta atividade, tendo pouco mais de 55,3% em relação à área da região em estudo, conforme o Censo Agropecuária de 1970.

Quanto isso, as panstagens ocupavam 52,2% em todo o Estado de São Paulo; paralelamente ao aumento das pastagens, verifica-se um crescimento no rebanho no mesmo período (1950-1995/96), sendo causa e consequência, como situações simultâneas, conforme tabelas 3 e 4.

Tabela 3
Evolução das Áreas de Pastagens e Lavouras: MRGPP, 1950-1995/96.

Anos	Pastagens (ha.)*	Lavouras (ha.)**
1950	410.542	338.221
1960	718.392	314.547
1970	1.221.994	235.968
1975	1.352.273	182.601
1980	1.306.457	210.994
1985	1.252.739	259.215
1995/96	1.225.050	146.283

Fonte: IBGE, Censos Agrícolas do Estado de São Paulo de 1950 e 1960; Censos Agropecuários do Estado de São Paulo 1970, 1975, 1980 e 1995/96.

* Inclui pastagens naturais e plantadas.

** Inclui lavouras temporárias e permanentes.

Tabela 4
Evolução do Efetivo Bovino, Número de Vacas Ordenhadas e Produção de Leite: MRGPP, 1950-1995/96.

Anos	Boinos	Vacas ordenhadas	Leite (mil litros)
1950	388.336	31.107	17.325
1960	653.813	29.314	12.971
1970	1.028.164	58.022	35.401
1975	1.379.809	80.925	56.329
1980	1.529.774	86.027	81.891
1985	1.557.007	88.592	82.618

1995/96	1.672.025	126.526	104.306
---------	-----------	---------	---------

Fonte: IBGE, Censos Agrícolas do Estado de São Paulo de 1950 e 1960; Censos Agropecuários do Estado de São Paulo 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.

Pode-se observar na Tabela 3, que a área dedicada às pastagens é sempre maior do que a de lavouras, de fato, no último censo (1995/96), observa-se uma queda de quase a metade das áreas com lavouras.

Por sua vez, as áreas com pastagens continuam crescendo significativamente entre 1950 e 1975, mas no período de 1980 a 1995/96 observa-se uma queda da área ocupada com pastagens, isso pode ser explicado pelo fato de que, na MRGPP, há uma expansão na cultura da cana-de-açúcar, visando abastecer as destilarias que se instalaram entre 1974 e 1982 na região, e muitos pecuaristas arrendaram suas terras (ou parte destas) para as usinas, diminuindo com isso as áreas de pastagens.

Ja no período que se estende de 1990 a 2000, segundo os dados do IBGE, houve um crescimento no número de bovinos, total de vacas ordenhadas e na produção de leite na região em estudo, mas deve-se ressaltar que o gado que predominava na região até a década de 1970, era o de corte; mas com o aumento da produção de leite nas décadas subsequentes o número de vacas ordenhadas incrementou-se.

Neste último período (1990-2000) o ano que registrou maior número de bovinos foi 1999 (1.751.704 cabeças), embora o total de vacas ordenhadas decresceu registrando no final do período 1.719.411 cabeças; mas a produção de leite registrou em 1992 e 1997 uma queda no volume produzido (72.781 e 92.110 mil litros de leite respectivamente). Destaca-se o ano de 1996 com maior produção de leite do período com 95.723 mil litros de leite.

Finalmente, devemos apontar que a presença dos primeiros laticínios na região, justifica-se pelo sensível aumento da pecuária, ocupando áreas sempre maiores destinadas a invernadas, desenvolvendo, portanto uma economia que gradativamente foi aumentando e especializando-se nas décadas seguintes.

A COOLVAP e os Produtores da MRGPP.

A Cooperativa de Laticínios Vale do Paranapanema (COOLVAP) fundada em 28 de dezembro de 1956 com 65 produtores cooperados é hoje o maior e mais importante laticínio da MRGPP, já que processa 50% do leite que se produz na referida Microrregião, e conta com uma capacidade para processar 300 mil litros/dia.

Nos primeiros anos, a COOLVAP produzia só leite e alguns queijos, pasteurizava em torno de 5 a 7 mil litros/dia. Já na década de 1960, a cooperativa decidiu investir e ampliou as instalações do prédio que vinha ocupando, adquiriu equipamentos novos com a finalidade de aumentar a linha dos produtos elaborados e o raio de atuação no mercado.

No período de 1970 a 2000 a COOLVAP foi associada a uma Cooperativa Central: “*Laticínios de São Paulo*”, sendo que neste período a COOLVAP enviava parte da matéria-prima que arrecadava para ser processada em São Paulo Capital, na usina da Cooperativa Central. Hoje esta cooperativa é uma usina autônoma, já que processa 100% da matéria-prima que recolhe dos seus produtores associados.

Nos últimos 10 anos, a COOLVAP sofreu importantes mudanças, a mais importante foi a inauguração do novo parque industrial 1998, assim como, o incremento no volume de captação e a diversidade da linha de produtos que coloca no mercado, sendo estes: leite pasteurizado tipo “B” e tipo “C”, leite longa vida integral e desnatado; avitaminados com sabor banana, mamão, pêsego, maçã e frutas vermelhas, em embalagens de 1 litro e 200 ml; creme de leite pasteurizado e manteigas com sal e sem sal.

Além disso, a cooperativa vem incrementando os pontos de distribuição e venda, sendo que hoje, os “Produtos Prudente” (marca da cooperativa) são encontrados facilmente no mercado da Grande São Paulo, todo o interior do Estado de São Paulo, Minas Gerais, alguns municípios do Rio de Janeiro, norte do Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

A COOLVAP concorre no mercado regional com Empresas Multinacionais (EM) como a Nestlé ou a Parmalat; com laticínios nacionais tais como: a Líder e a Leco, mas também disputa o mercado com aproximadamente 26 pequenos laticínios localizados em outros municípios da MRGPP.

Cabe assinalar que a COOLVAP conta com três pontos de recepção de leite *in natura*, localizados estrategicamente para facilitar a entrega do leite por parte dos produtores. O Posto 01 localizado na “Usina de Presidente Prudente – SP”; Posto 02 encontra-se em “Presidente Venceslau – SP”; e o Posto 03 no município de “Santo Inácio, Norte do Paraná”.

O total de associados à COOLVAP (nos três postos de recepção) é de 1.617 produtores (ativos até 31 de dezembro de 2000), abarcando uma área de abastecimento

importante na MRGPP e até em outros estados brasileiros como Mato Grosso do Sul, Goiás, Norte do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nosso estudo compreende somente os fornecedores de leite cadastrados no Posto de Recepção 01, ou seja, os produtores que entregam diretamente a matéria-prima na usina onde será processada. Até 31 de dezembro de 2000 os produtores deste posto somavam 819, nossa amostra de 10%, foi selecionada aleatoriamente uma vez que não foi possível ter alguns dados como o número exato de pequenos, médios e grandes produtores cadastrados em cada município da MRGPP e que fossem associados à COOLVAP.

Uma das principais características encontradas entre os produtores entrevistados é o reduzido tempo de estes serem cooperados, pois ao contrário do que esperávamos, a maioria dos produtores (42,8%) fornecem sua matéria-prima para a COOLVAP há 5 anos ou menos, sendo que somente 8,5% são cooperados há mais de 30 anos.

O reduzido tempo dos produtores serem associados à cooperativa pode estar diretamente relacionado com o tempo que estes dedicam-se a esta atividade, visto que existe entre nossos entrevistados aqueles que começaram a produzir leite há menos de dez anos (43,9%) e aqueles que saíram da atividade por um tempo, mas retornaram depois, assim como alguns produtores que herdaram a propriedade com esta atividade há mais de 20 anos e continuam no ramo leiteiro, e outros somente 4,8% dos entrevistados dedicam-se a esta atividade a mais de 40 anos, como se verifica a seguir.

Tabela 5
Tempo que os Produtores Entrevistados Estão vinculados à Atividade Leiteira

Tempo vinculado à atividade leiteira	Número de produtores	%
Até 10 anos	36	43,9
De 11 a 20 anos	19	23,2
De 21 a 30 anos	14	17,1
De 31 a 40 anos	9	10,9
De 41 a 50 anos	2	2,4
Mais de 50 anos	2	2,4
Total	82	100

Fonte: Pesquisa de campo (janeiro-março 2001)

A partir dos dados obtidos em trabalho de campo, junto aos produtores de leite da cooperativa, podemos classificá-los em dois grandes grupos: os produtores especializados e os produtores não especializados; considerando principalmente, se o

leite é ou não sua atividade principal, a forma de retirar o leite, se possuem ou não tanque resfriador (e outros equipamentos agrícolas), o número de pessoas empregadas na atividade e a quantidade de litros produzidos.

Produtores Especializados.

Consideramos como produtores especializados aqueles que têm como atividade principal a produção de leite, ou mesmo tendo esta como uma segunda atividade contam com rebanhos leiteiros especializados e estão investindo por meio de financiamentos (créditos) ou por conta própria em tecnologia para tornar a produção da sua propriedade de maior qualidade.

Neste sentido, entenderemos por especialização o uso de recursos financeiros para o incremento da produção de leite, tanto no volume quanto na qualidade, o uso de uma alimentação adequada para o rebanho (pastagens, silagem, concentrados, sais minerais, etc.), contam com equipamentos de ordenha (ordenhadeira mecânica, entre outros), tanque resfriador, e a coleta do leite é realizada a granel.

Produtores Não Especializados.

Os produtores não especializados são os que trabalham com equipamentos menos sofisticados (rudimentares), gado pouco especializado, na maioria dos casos trata-se de gado misto, algum desses produtores não conseguem produzir leite o ano todo, somente na época da safra, pois eles aproveitam as pastagens investindo assim o mínimo em ração para complementar a alimentação.

Entre estes produtores encontramos ainda dois tipos:

- os produtores que encontram no leite uma atividade de subsistência, única fonte de renda que possuem e, portanto não contam com meios para se tornarem especializados, produzem o ano todo, mas com pouca ou nenhuma tecnologia; e
- aqueles que têm a atividade leiteira como fonte adicional, ou seja, é uma atividade secundária, pois eles obtêm sua principal fonte de renda de outras atividades.

Os produtores pouco especializados representam um número importante entre os fornecedores de leite da COOLVAP, pois eles fornecem mais de 80% da matéria prima que é processada na usina; de acordo com esta classificação e se compararmos os

dados das seguintes tabelas (6 e 7) observamos que só 61% dos produtores entrevistados da cooperativa têm como atividade principal na propriedade a produção de leite, dos quais 35,4% dedicam-se exclusivamente à atividade leiteira.

Tabela 6
Atividade Principal dos Produtores de Leite Entrevistados.

Atividade principal do produtor	Total	%	Outra atividade além do leite	Total	%
Leite			Nenhuma **		
Leite e lavouras *			Fora do meio rural		
Pecuária corte e leite			Pecuária corte e lavouras		
Lavouras			Lavouras		
Pecuária corte			Pecuária corte		
Total			Total		

Fonte: Pesquisa de campo (janeiro-março 2001)

* Inclui algumas das seguintes lavouras: café, algodão, milho, amendoim, batata doce, feijão, mandioca e abóbora.

** Produtores que se dedicam exclusivamente à atividade leiteira, ou seja, sua renda depende só dessa atividade.

Tabela 7
Produtores Entrevistados da COOLVAP que Possuem Tanque Resfriador

Capacidade dos tanques	Produtores com tanque	%
Até 500 litros	17	20,7
De 501 a 1.000 litros	4	4,9
Acima de 1.000 litros	6	7,3
Possuem, mas não informaram capacidade	10	12,2
Total	37	45,1

Fonte: Pesquisa de campo (janeiro-março 2001)

Como se mostra na tabela 7 ainda é reduzido o número de produtores da COOLVAP que possuem tanque, dos 82 entrevistados, apenas 37 (45,1%) possuem tanque resfriador e 45 (54,9%) não possuem um tanque resfriador para o leite.

Sabemos que não basta ter tanque frio para classificar o produtor como especializado ou não especializado, mas o fato de ter outras atividades além do leite é sinal do pouco interesse que o produtor pode ter em esta atividade, como se verifica na tabela 6 onde colocamos as outras atividades dos produtores além da pecuária leiteira.

Devemos aclarar que a classificação anterior (produtores especializados e não especializados é nossa), a COOLVAP somente diferencia seus produtores dependendo da quantidade de litros/dia que fornecem, a saber:

- Pequenos produtores: aqueles que fornecem até 100 litros/dia (52,4% dos nossos entrevistados)
- Produtores médios: fornecem de 101 a 300 litros/dia (41,5% dos produtores entrevistados)

- Grandes produtores: fornecem acima de 300 litros/dia (somente 6,1% dos nosos entrevistados).

Segundo esta classificação (pequenos, médios e grandes produtores), nossos entrevistados são em sua grande maioria pequenos produtores (52,4%) visto que fornecem até 100 litros dia, os produtores que fornecem até 300 litros/dia são somente 41,5% e só 6,1 poderiam ser considerados grandes produtores por fornecerem acía de 300 litros/dia.

Sendo que, a média de produção dos cooperados entrevistados gira em torno de 6 10 litros/dia por vaca (48,8%), mas há alguns produtores que chegam a obter por vaca até 15 litros/dia, como se mostra na seguinte tabela.

Tabela 8
Produção de litros/vaca dos Produtores Entrevistados da COOLVAP.

Produçã vaca/litros/dia	Búmero de produtores	%
Até 5 litros	49	47,6
6 a 10 litros	40	48,8
Acima de 11 litros	3	3,6
Total	82	100

Fonte: Pesquisa de campo (janeiro – março 2001)

Alén de outras atividades na propriedade (como o gado para corte), que se reflete na baixa produtividade do gado leiteiro da região ha outros fatores que limitam o desenvolvimento dos produtores da região, como podem ser a carencia de insetivos voltados para este setor, e no caso dos nossos produtores somasae a falta de apoio por parte da própia cooperativa à que pertencem.

Embora na MRGPP predomina a peuária, podemos considerar que não é uma vacía especializada, isso deve-se principalmente à baixa instruição dos produtores e ao uso reduzido de tecnologia como a inseminação artificial (somente 10,9% dos entrevistados realizam inseminação artificial), o tamanho do rebanho (52,4% dos produtores entrevistados possuem menos de 25 cabeças), e a alimentação precária, isso é, a grande maioria dos produtores investe pouco em alimento concentrado para o gado, a pastagen é o alimento principal.

Somadas a estas características a MRGPP é uma área muito acidentada do Estado de São Paulo, isso faz com que o gado tenha que andar bastante para obter o alimento, e na maioria das propriedades não se conta com estruturas especializados como curral apropriado para realizar a ordenha, sombras artificiais e pessoal capacitado para tratar dos animais.

Os produtores entrevistados consideraram que alguns dos problemas que limitam o desenvolvimento desta atividade na região são: a falta de financiamento e a cobrança de juros altos para o setor; importação de leite em pó; as políticas pouco apropriadas e a pouca intervenção do governo; competição desigual com empresas multinacionais; o baixo preço do leite e a instabilidade deste e falta de capacitação dos mesmos produtores.

Sem dúvida os problemas que o sistema agroindustrial do leite vem enfrentado na MRGPP são muitos. Os produtores apontam aqueles que consideraram principais e mais graves, e sob os quais devem ser tomadas medidas, pois para ter um produto de melhor qualidade não basta investir em equipamentos modernos, é necessário trabalhar em conjunto, governo, indústria (pequenos, médios e grandes laticínios) e produtores, todos os elos que fazem parte da cadeia leiteira.

Considerações Finais.

Nos últimos anos o sistema agroindustrial do leite brasileiro sofreu alterações muito significativas, como a liberação do preço (em 1991), a importação de leite e produtos lácteos; tudo isso derivado de uma política de abertura comercial, expansão da pecuária leiteira em áreas não tradicionais e uma indústria preocupada cada vez mais com a qualidade.

A modernização da pecuária leiteira é inevitável, com o Programa de Incentivo à Mecanização, ao Resfriamento e ao Transporte Granelizado da Produção de Leite (PROLEITE), implantado pelo governo federal, pretende-se melhorar a qualidade do leite que se produz nas propriedades rurais e conseqüentemente do leite que será industrializado e colocado no mercado.

Mas como conseguir isso? O PROLEITE prevê o financiamento de máquinas e equipamentos necessários à modernização da pecuária leiteira, isso é, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) os produtores de leite poderão ter acesso a uma linha de crédito para a aquisição de alguns equipamentos, tais como: adubo, tanque resfriador e ordenhadeira mecânica, tendo cinco anos, como prazo máximo para pagar dito financiamento.

As exigências estabelecidas para o setor leiteiro, vão além da granelização, preocupando cada elo da cadeia do leite: produtores, indústria processadora (pequenos, médios e grandes laticínios), assim como o mercado consumidor.

No entanto, os produtores continuam sendo os mais preocupados e afetados com as medidas adotadas pelo governo federal (PROLEITE), uma vez que, o principal temor dos produtores (sobretudo dos pequenos que predominam na MRGPP) é adquirir um financiamento para comprar certos equipamentos e insumos exigidos em dito programa e não conseguirem pagar, visto que o preço do leite é instável e baixo.

O Governo Federal está incentivando a aquisição de tanques de expansão coletivos. Mas os pequenos produtores não conseguem chegar facilmente a um consenso, no que diz respeito ao local de colocação do tanque, as despesas para limpeza, a forma de financiamento, entre outros.

No caso da COOLVAP, estão sendo adotadas algumas medidas, a cooperativa está incentivando e assessorando a pequenos produtores para que através de financiamento adquiram o tanque de expansão. Mas não é suficiente, visto que os produtores estão temerosos de adquirir uma linha de crédito e não conseguir pagar, falta também acessoria, palestras de capacitação sob temas de interesse para os produtores.

Embora, com esta alternativa do tanque comunitário, pode ser evitado o crescimento do mercado informal de lácteos, que é uma das questões que preocupam, não só à COOLVAP, mas também a todo o setor leiteiro e principalmente à vigilância sanitária.

Com as medidas estipuladas na portaria 56, prevê-se a granelização do leite até final de 2002, e se insiste na diminuição das despesas com transporte, visto que o caminhão coletará o leite nas propriedades a cada dois dias, o tempo de carregamento é menor e a prova de acidez pode ser realizada no próprio local, pelo produtor ou pelo próprio motorista. Mas existem fatores que não foram considerados para levar a diante esta medida.

Entre esses fatores destacam-se as estradas rurais e a acessoria técnica que deverão que receber tanto os produtores quanto os responsáveis pelo caminhão isotérmico.

O custo de transporte será menor, mas até que ponto, pois as estradas rurais nem sempre (ou na maioria dos casos) se encontram em boas condições, dificultando a chegada do caminhão isotérmico às propriedades.

No que diz respeito à acessoria, se terá que fazer um investimento para que o produtor faça na propriedade a prova de acidez e posteriormente, a limpeza adequada do tanque e equipamentos de ordenha.

Em nosso trabalho de campo visitamos algumas propriedades que possuem tanque resfriador, com os produtores estão cientes e dispostos a tecnificar sua propriedade, onde as medidas higiênicas, prévias e posteriores à ordenha são seguidas rigorosamente. Mas não há uma resposta por parte do governo federal ou local, e há muito que se fazer no meio rural, sobre tudo nesta atividade, “se investe muito e se ganha tão pouco”.

A questão da higiene não é só responsabilidade dos médicos e grandes produtores, aqueles não especializados (os pequenos produtores, sobre tudo), que ainda não possuem tanque resfriador, ordenhadeira mecânica, que entregam o leite em latão, também são fiscalizados nas medidas prévias e posteriores à ordenha, sobretudo no correto manejo do gado que entra no local da ordenha, então justo é que recebam uma capacitação e acessoria, visto que há interesse entre os produtores leiteiros de melhorar as condições de trabalho e por tanto tornar-se especializados.

Em 2000 a produção de leite do estado de São Paulo representou 9,4% do total nacional (19.767.206 litros), embora tenha havido uma queda de 2,7% em relação com ano de 1999, a produção do estado se manteve estável no decorrer da década de noventa. Já na MRGPP, se registrou no ano de 2000 um aumento de 0,4% na produção leiteira em relação com o ano anterior.

No início de 2001, a situação para os produtores de leite parecia favorável, as medidas anti-dumping foram aprovadas e o preço do leite se mantinha estável. Mas o panorama mudou, segundo alguns especialistas, pelo excesso de produção de leite (aliado a uma demanda relativamente menor que em anos anteriores), a alta excessiva do dólar, trazendo como consequência um aumento no preço de muitos insumos (Carvalho, 2002)

No entanto, as expectativas dos produtores associados à COOLVAP, na MRGPP, dependem em parte das estratégias da cooperativa, e não são muito diferentes das do restante dos produtores brasileiros, uma vez que os problemas que estes vem enfrentado são bem similares.

Devemos lembrar que, no caso da COOLVAP, trata-se de uma cooperativa que além de enfrentar os problemas de uma indústria qualquer, enfrenta principalmente, problemas de falta de cooperação. Os produtores associados, não se sentem parte da cooperativa, portanto, a participação nas reuniões e assembléias é reduzida, situação que vem favorecendo a permanência de um grupo na direção da cooperativa.

No entanto, a COOLVAP continua sendo uma das principais usinas de leite na MRGPP, a pesar da saída freqüente de produtores, observamos também que o raio de

atuação tanto na coleta como na distribuição de leite e alguns derivados, vem sendo ampliado, isso significa que a cooperativa está crescendo, mas com algumas limitações.

A COOLVAP por tanto, esta tratando de renovar-se e, recentemente fizeram um investimento adquirindo uma nova máquina na fase final de embalagem do leite UHT; mudou a imagem dos seus produtos e também investiu em propaganda e *marketing*.

Produtores e diretores da cooperativa estão cientes de que existem muitas desvantagens no mercado consumidor de lácteos, sendo uma empresa estável no âmbito regional, forte e reconhecida, mas ela não tem condições de competir com as empresas multinacionais.

Muitas são as perguntas que ainda ficam sem resposta ao tentar concluirmos nossa pesquisa; contudo, ao longo deste trabalho conseguimos identificar na MRGPP dois tipos de produtores: os especializados e os não especializados e cada um deles com suas dificuldades para se manter dentro da atividade leiteira.

O sistema agroindustrial do leite está transformando-se a cada dia. Acreditamos que os problemas com os quais se deparam produtores e cooperativa serão solucionados na medida em que exista um diálogo maior entre dois elos importantes da cadeia, cooperativa – produtores.

É preciso que por parte de Governo Federal também sejam adotadas algumas medidas e alternativas favoráveis para os pequenos produtores de leite, visto, que muitos estão enfrentando grandes dificuldades para se manter na atividade, tendo principalmente duas alternativas: deixar a atividade leiteira ou aumentar as estatísticas na venda de leite e derivados no mercado informal.

A despeito das dificuldades, o leite se constitui numa das principais alternativas de exploração para os pequenos produtores da Região de Presidente Prudente, SP. Brasil.

Bibliografia.

Abreu, Dióres Santos. 1972 *Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente.

Anjos, Natanael Miranda dos, et. al. 1988. *Análise do setor agrícola brasileiro*. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Agricultura e Instituto de Economia Agrícola.

Arruda, Zenith João de. 1994. *Regionalização da pecuária bovina no Brasil*. EMBRAPA-CNPQC. Brasília.

Bernardes, Paulo Roberto. 2001. "Direito definitivo". In. *Agroanalysis*. Revista de Agronegócios da FGV. Vol. 21, número 4. Abril. pp. 54-57.

Bortoleto, E. E. e Chambaribery D. 1998. "Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século". In: Revista Informações Econômicas. São Paulo. Instituto de Economia Agrícola – Governo do Estado de São Paulo-Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Vol. 28, número 9. Setembro. pp. 25-36.

Carvalho, Marcelo Pereira de. 2002. "Ano novo, expectativas renovadas". In: www.milpoint.com.br, texto reproduzido em 11/01/2002.

Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades – CPPP. 2001. "Participação da produção familiar na reestruturação da cadeia produtiva do leite". Texto reproduzido em: www.epagri.rct-sc.br/~cPPP/cPPP.htm

De Negri, João Alberto. 1998. "5 Lácteos". In: Gasques, José García, et. al. *Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness*. Texto para discussão número 538. Brasília. Janeiro. pp. 145-161.

Diário Oficial da União. 1999. Seção I. Portaria Número 56. 8 de dezembro

----- 2000. Resolução Número 2.748. 29 de junho.

----- 2001. Circular Número 9. 21 de fevereiro.

Ferreira, Célia Regina, et. al. 1999. "Caracterização da pecuária bovina no estado de São Paulo". In: Revista Informações Econômicas. São Paulo. Instituto de Economia Agrícola – Governo do Estado de São Paulo-Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Vol. 29, número 2, fevereiro. pp. 7-30.

Frederiq, Antoniette. 1981. "A baba dos brasileiros: uma multinacional no setor leiteiro". In: Odacir, Luis Coradini. *Agricultura, cooperativas e multinacionais*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. pp. 93-183.

Hespanhol, Rosângela Aparecida de Medeiros. 2000. *Produção familiar: perspectivas de análise e inserção na microrregião geográfica de Presidente Prudente SP*. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP-Rio Claro. SP.

IBGE. 1980. *Aspectos da evolução da agropecuária brasileira: 1940-1980*. IBGE – Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Rio de Janeiro.

----- 2000. *Pesquisa pecuária municipal*. In: www.sidra.ibge.gov.br

Informativo COOLVAP. 2000 Jornal mensal da Cooperativa de Laticínios Vale do Parapanema. Ano XX. Meses de julho, agosto e outubro.

Leite, José Ferrari. 1972. *A alta Sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente*. FFCL de Presidente Prudente.

Lima, Silva Ma. Jacinho de. 1973. *Transformações na pecuária bovina paulista o exemplo da região de Franca*. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Franca. São Paulo.

Lopes, Juarez Rubens Brandão, et. al. 1980. *Estado, estructura agraria y población. El caso de Basil*. México, Pispal Terra Nova.

Mamigonian, Armen; Freitas C. Vânia de 1976. "Introdução ao estudo da economia leiteira paulista". In *Boletim do Departamento de Geografia*. Número 7. FFCL. Presidente Prudente. pp. 17-51.

Medeiros, Célia Ma. Santos de. 1996. *O tradicional e o moderno na pecuária de corte: produtores rurais pecuaristas residentes em Presidente Prudente*. Dissertação (Mestrado em Geografia). FCT-UNESP. Presidente Prudente.

MILK POINT. Artigos diversos reproduzidos no site www.milkpoint.com.br nos meses de maio a dezembro de 2001 e janeiro de 2002.

Monbeig, Pierre. 1954. *O Brasil*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. Coleção São Paulo.

----- 1984. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. Hucitec. São Paulo.

Santos, Milton. 2001. *O Brasil, territorio e sociedade no inicio do século XXI*. Record. Rio de Janeiro.

Savitci, Laura Aparecida, et. al. 1998. "Usinas de Beneficiamento de Leite: otimização de empreendimentos de pequeno porte". In *Revista Informações Econômicas*. São Paulo. Instituto de Economia Agrícola –Governo do Estado de São Paulo-Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Vol. 28, número 12, dezembro.

Serra, Elpidio. 1986. *Contribuição ao estudo do cooperativismo na agricultura do Paraná: o caso da Cooperativa de Maringá (Cocamar)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) UNESP-Rio Claro. S.P.

Wilkinson, John. 1999. "As principais transformações na cadeia de lácteos dos países do Mercosul nos anos 90". In Carvalho, Luiz Flávio de, et. al. *Mundo rural e tempo presente*. MAUAD-PRONEX. Rio de Janeiro. pp 197-210.